

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Rogéria Tavares da Costa

PÓS-PANDEMA E EVASÃO ESCOLAR:
UM ESTUDO SOBRE A AUSÊNCIA/PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES
AS ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE
DE SANTA MARIA/RS

Santa Maria, RS
2022

Rogéria Tavares da Costa

PÓS-PANDEMIA E EVASÃO ESCOLAR:
UM ESTUDO SOBRE AUSÊNCIA/ PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES DAS
ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE SANTA
MARIA/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Ciências Sociais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mari Cleise Sandalowski

Santa Maria, RS
2022

Rogéria Tavares da Costa

PÓS-PANDEMIA E EVASÃO ESCOLAR:

UM ESTUDO SOBRE AUSÊNCIA/ PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES DAS
ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE SANTA
MARIA/RS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais,
da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de **Licenciada em Ciências
Sociais**.

Aprovado em 30 de janeiro de 2022:

**Mari Cleise Sandalowski, Prof.^a Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientador)**

Matheus Müller, Prof. Dr. (UFSM)

Fernanda Sena Fernandes, Prof. Me. (UFSM)

Santa Maria, RS
2022

AGRADECIMENTOS

Me sinto profundamente agradecida por todos os professores e professoras que colaboraram para que eu pudesse chegar até aqui, desde a minha primeira infância, até os que me conduziram a encerrar mais uma etapa de conhecimentos e aprendizagens. Eu acredito no que diz Cora Coralina, “Sou feita de retalhos”, sua poesia fala que cada pessoa deixa um pouquinho de si no outro, gerando conhecimentos e aprendizagens, assim vejo toda minha trajetória escolar, trago comigo um pouco de muitos, que me ensinaram, incentivaram ao longo do caminho, o que sou hoje, sem dúvida, é parte de cada pedacinho de conhecimento que passou por mim, de cada professora e professor que dedicam sua a vida a ensinar.

Agradeço imensamente a orientação e dedicação da professora Mari Cleise Sandalowski, pessoa querida que contribui para nossa formação tanto com seu conhecimento específico como com sua empatia, sempre na busca de conhecer o outro e a melhor forma de ajudar, afinal, aprender a fazer ciência tem seus momentos de ansiedade, incertezas, mas você estava aqui pra dizer é possível e você consegue! Obrigada profe você é demais!

Agradeço ao professor Matheus Müller pelo ensinamento e colaboração na minha pesquisa, sua experiência iluminou e norteou os elementos que a pesquisa necessitava. Agradeço também a mestranda Fernanda Fernandes, sempre disposta a ajudar, ao mestrando Matheus Salkovski que também sempre se mostrou solícito e acessível, juntos se dedicam a aproximar mestrandos e graduandos entendendo que juntos podem aprender e trocar conhecimentos.

Agradeço a minha mãe Maria Tavares, que no último ano veio morar conosco, sua ajuda emocional e no dia-a-dia com meus filhos me fortaleceram fazendo com que eu encarasse obstáculos e seguisse, a reta final da faculdade é exaustiva e corrida, mas com você aqui ficou mais tranquila minha rotina.

Agradeço ao meu marido Jader Bitencourt que desde que comecei minha jornada acadêmica, viveu esse sonho junto comigo, parceiro em dividir os afazeres da casa e o cuidado com nossos filhos, saía de casa tranquila, porque tenho ele aqui. Agradeço a compreensão do meu filho Vincenzo e filha Laura, quando tinha que me dedicar aos estudos, agradeço por ser cercada de tanto amor vindo deles que me ajuda seguir buscando conhecimento e o melhor para todos nós.

RESUMO

PÓS- PANDEMIA E EVASÃO ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE AUSÊNCIA/ PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES DAS ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE SANTA MARIA/RS

AUTORA: Rogéria Tavares da Costa.
ORIENTADORA: Prof.^a Dr^a Mari Cleise Sandalowski.

Esta pesquisa de caráter exploratório tem como objetivo geral identificar as implicações da pandemia do coronavírus quanto à ausência/ permanência de estudantes das escolas públicas e privadas da cidade de Santa Maria no período pós- pandêmico. Um dos objetivos específicos da pesquisa é identificar o quanto a pandemia do coronavírus interferiu na permanência de meninos e menina no ensino médio levando em consideração as seguintes categorias: classe social, raça/cor e gênero, ou seja, a interseccionalidade é um fator relevante para a presente pesquisa que tem como problema de pesquisa o seguinte questionamento: no período pós- pandêmicos jovens estudantes de Santa Maria têm classe, gênero e raça/cor? Para tanto se fez recorte entre os anos de 2019 e 2022 com a intenção de observar as matrículas dos estudantes do período citado e a partir do levantamento dos dados identificar o perfil da comunidade estudantil que permanece ou se está excluída do espaço escolar, levando em consideração renda, cor/raça e gênero.

Palavras-chave: evasão. ensino médio. interseccionalidade. raça/cor. gênero. desigualdades.

ABSTRACT

POST-PANDEM AND SCHOOL DROPOUT: A STUDY ON THE ABSENCE/PERMANENCE OF STUDENTS IN PUBLIC AND PRIVATE HIGH SCHOOLS IN THE CITY OF SANTA MARIA RIO GRANDE DO SUL

AUTHOR: Rogéria Tavares da Costa.
ADVISOR: Prof.^a Dr^a Mari Cleise Sandalowski.

This exploratory research has the general objective of identifying the implications of the coronavirus pandemic regarding the absence/permanence of students from public and private schools in the city of Santa Maria in the post-pandemic period. One of the specific objectives of the research is to identify how much the coronavirus pandemic interfered with the stay of boys and girls, taking into account the following categories; social class, race/color and gender, that is, intersectionality is a relevant factor for the present research whose research problem is the following question: do young students from Santa Maria have gender and color during the pandemic? For this purpose, a cut was made between the years 2019 and 2022 with the intention of observing the enrollment of students in the aforementioned period and from the data collection, identifying the profile of the student community that remains or is excluded from the school space, taking into account income, color/race and gender.

Keywords: Evasion. High school. Intersectionality. Race/color. Gender. Inequalities.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	10
1.2. PERFIL DOS PARTICIPANTES.....	11
1.3. OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS.....	13
2. BRASIL E O HISTÓRICO DA EVASÃO.....	14
2.1. BRASIL E EVASÃO: CENÁRIO DE DESIGUALDADES.....	16
2.2. DESIGUALDADE ESCOLAR.....	18
3. SANTA MARIA E EVASÃO ESCOLAR: CONTEXTO PANDÊMICO.....	23
3. LEVANTAMENTO SOBRE BUSCA ATIVA.....	30
4. CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2020 chega no Brasil o Coronavírus (SARS- COV- 2) espalhando-se rapidamente, vírus responsável por causar a pandemia da COVID-19. Diante da situação atípica medidas de isolamento foram adotadas para controlar a dispersão do vírus; a princípio parecia que o caos social seria breve, porém as medidas de isolamento se estenderam por dois anos e muitos setores da sociedade paralisaram suas atividades presenciais, atividades que foram classificadas como “não essenciais”, por não fazer parte da área da saúde, alimentícia entre outros setores que foram considerados emergências e que não podiam parar. Então, em um curto espaço de tempo diversas instituições tiveram que reinventar maneiras de seguir com suas funções.

A escola foi uma das instituições que abruptamente fecharam suas portas, deixando 47, 3 milhões de estudantes matriculados na educação básica no ano de 2020 sem acesso à rede ensino de forma presencial. (ABRES, 2019/2020)

A chegada repentina do coronavírus exigiu de gestores públicos e educadores medida substitutiva do ensino presencial; foi adotado de forma emergencial a modalidade de ensino remoto permitindo que os estudantes não perdessem por completo o vínculo com a escola, mas por outro lado, escancarou antigos problemas educacionais do país.

O sistema de ensino brasileiro tem dilemas históricos, de ordem qualitativa e quantitativa, como diria Florestan Fernandes, as ações acerca da educação no Brasil são improvisadas o que dificulta a solução sistemática e eficaz de tais problemas educacionais. (FERNANDES, 1974, p. 415) A inexistência de ação conjunta de vários setores da sociedade, principalmente do Estado, que possa combater de forma eficaz o problema social evasão escolar tem efeito deletério na vida da sociedade estudantil, efeitos que implicam no desenvolvimento socioeconômico dos indivíduos principalmente os de famílias mais vulneráveis.

O Brasil convive com problemas educacionais emblemáticos, que denunciam um sistema de ensino fadado ao fracasso, um desses problemas é o alto índice de analfabetismo, o país não consegue erradicar o número de pessoas que não sabem ler e escrever, isto quer dizer, que não atinge metas primordiais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Indicadores dessa natureza contribuem para um efeito dominó, um problema puxa o outro. O número de analfabetos é expressivo, assim como o do analfabetismo funcional, esses problemas trazem consequências para os indivíduos que pode ser a exclusão social, falta de

capacitação profissional e a evasão escolar poder ser considerada um dos principais fatores que contribuem para o expressivo número de analfabetos país. No montante os dilemas educacionais brasileiro desenham o quadro agudo da educação e que precisa de ações de enfrentamento mais eficazes.

Em 2019 o IBGE¹ divulgou uma pesquisa que media a taxa de analfabetismo da população de 15 ou mais, sendo 6,6% de jovens e adultos que não sabem ler e escrever, são 11 milhões de pessoas na condição de analfabetos (IBGE- Pnad 2019) O sistema educacional brasileiro sofre com problemas de diversas naturezas e as tentativas de superá-los enfrentam grandes dificuldades por conta de conjunturas políticas, econômicas e sociais.

A pandemia do coronavírus não criou novos problemas, mas possivelmente os potencializou, durante os dois anos de pandemia as relações sociais mudaram radicalmente, todos tiveram que se adaptar à nova realidade social. Professoras e professores tiveram que se adequar a modalidade emergencial do ensino remoto, fazendo-se necessário a transposição didática- pedagógica, da noite para o dia, os estudantes tiveram que absorver a nova forma de ensino aprendizagem, na dinâmica dessa nova relação novos desdobramentos de fizeram presente, às dificuldades de adaptação à nova realidade escolar.

É importante ressaltar que a tecnologia foi um aliado na manutenção do ensino remoto, ao mesmo tempo que deixou meninos e meninas que não detinham das ferramentas necessárias para acompanhar “o novo ensino”; por outro, possibilitou que não se perdesse por completo a relação instituição – estudantes. Essa nova realidade permitiu que problemas sociais manifestos saltassem aos olhos.

Na dissertação sobre transposição didático-pedagógica no período pandêmico, indicadores demonstram as dificuldades enfrentadas por estudantes, professoras e professores durante o Ensino Remoto. Um dos indicadores se refere a dificuldade que professoras (es) tiveram para se ajustar ao novo sistema de ensino, principalmente por causa da pouca familiaridade com a tecnologia. Embora o governo e a direção de escolas privadas ofertassem cursos de formação continuada na área de informática que tinham como objetivo apresentar aplicativos e métodos de aulas síncronas, não foi o suficiente para superar as dificuldades. (FRANCO, 2021).

Da rede privada se destacaram os seguintes obstáculos: baixa adesão dos estudantes em relação às atividades, baixa efetividade nas dinâmicas didático-pedagógicas usadas durante o ensino remoto e dificuldade em escolher os recursos corretos para administrar a

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Pnad 2019. disponível em <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>> Acesso em 10 fev. 2023.

aula. No ensino público os obstáculos foram: baixa adesão dos estudantes em relação às atividades, a comunidade escolar não teve acesso adequado às tecnologias (internet, computador, tablet), falta de conhecimento das plataformas digitais (TICS) e falta de internet de qualidade para trabalhar. (FRANCO, 2021) São dados de uma realidade recente que poderão ser melhor analisadas suas causas e consequências como o passar do tempo.

A evasão é um conceito que não tem uma definição comum pela literatura. Embora seja um problema que se perpetue na sociedade brasileira, não é possível encontrar uma definição concreta sobre “evasão e abandono”. Pesquisas apontam que a diversidade de conceituação dificulta a quantificação precisa dos casos o que obstaculiza o estudo da morfologia e dos princípios da evasão, conseqüentemente, a falta de um quadro característico atrapalha no desenvolvimento de ações mais objetivas e claras no enfrentamento deste problema social.

A diferença entre evasão e abandono escolar foi utilizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/INEP (1998). Nesse caso o abandono significa a situação em que o estudante, desliga-se da escola, mas retorna no ano seguinte, enquanto a “evasão”, o estudante sai da escola e não volta mais para o sistema escolar. Já o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica/Ideb (2012) aponta o abandono como o afastamento do estudante do sistema de ensino e a desistência das atividades escolares, sem solicitar transferência. Steinbeck (2012) e Pelissari (2012) adotam o termo abandono escolar, pois consideram “evasão” um “ato solitário”, levando a responsabilizar o aluno e os motivos externos pelo seu afastamento. Ferreira (2013) chama de “fracasso das relações sociais e que se expressam na realidade desumana que vivencia o aluno em seu cotidiano”. Machado (2009, p. 36) diz que “tratar a evasão é tratar o fracasso da escola, o que pressupõe um sujeito que não logrou êxito em sua trajetória na escola” (SILVA FILHO. R.B; LIMA ARAUJO, R.M.L. 2017)² Na presente pesquisa o conceito evasão pode ser estendida a exclusão, a fracasso escolar, uma vez que todos implicam na ausência de meninos e meninas nas escolas.

Embora os pontos supracitados não sejam centrais para a presente pesquisa, ajudam demonstrar alguns dos dilemas que atravessam o sistema educacional brasileiro e corroboram para a reflexão da implicação desde sobre a evasão de meninos e meninas do espaço escolar, fenômeno que se percebe em todos os níveis de alunos.

² SILVA FILHO, R. B.; ARAÚJO, R. M. de L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 8, n. 1, p.35–48, 2017.DOI:10.15448/2179-8435.2017.1.24527.

A evasão custa caro ao Brasil, no sentido estritamente financeiro, um estudo inédito calcula o custo social da evasão escolar, o estudo mostra que o custo da evasão de um jovem supera o PIB per capita de uma década; “O Brasil perde 214 bilhões por ano pelo fato de os jovens não concluírem a educação básica”, (ISPER, 2020) o dado demonstra o fracasso escolar e a necessidades de intervenções que fortaleçam políticas públicas educacionais possibilitando acesso e permanência de estudantes de todos os níveis de ensino.

O objetivo geral da presente pesquisa é analisar as implicações da pandemia do coronavírus sobre a evasão escolar no ensino médio das escolas públicas e privadas da cidade de Santa Maria. Sendo os objetivos específicos (1) observar a influência de dados socioeconômico (sexo renda escolaridade) sobre a evasão escolar (2) verificar a influência da variável raça na evasão dos estudantes (3) observar como a instituição escolar realiza a busca ativa dos discentes evadidos.

1.1. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa exploratória, uma vez que busca familiarizar-se com a variável evasão no período pós- pandêmico, ou seja, no retorno às aulas presenciais. O formulário estruturado com perguntas abertas e fechadas foi destinado às gestoras (res) de escolas públicas e privadas do ensino médio do município de Santa Maria/RS. No total foram 20 escolas participantes num universo de quarenta escolas de ensino médio, sendo 16 escolas públicas respondentes e 4 escolas privadas.

Através do formulário de pesquisa distribuído nas escolas, foi feito o levantamento das matrículas entre os anos de 2019 a 2022, o recorte temporal permite analisar o número de matriculados no período antes da pandemia e pós- pandêmico. Em seguida levantou-se dados de pesquisas sobre evasão no ensino médio em nível nacional, divulgados por fontes oficiais como IBGE, para fins de comparação e como forma de elucidar o histórico da evasão no Brasil.

Os estudos foram orientados pela abordagem qualitativa, foram feitas perguntas abertas às gestoras (res) quando se mostraram receptivas à entrevista. E quantitativa, ou seja, a técnica da coleta de dados utilizada foi a documental e aplicação de entrevistas baseadas em questionários com perguntas abertas e fechadas. A técnica de análise de dados utilizada foi a estatística descritiva, foi feito levantamento dos dados primários e secundários.

Os dados primários foram coletados da aplicação de questionários abertos e fechados destinados aos gestores das escolas públicas e particulares de Santa Maria. Quanto aos dados secundários foram retirados e analisados dos seguintes relatórios: Cenário da exclusão escolar no Brasil, publicado por UNICEF Brasil, Cenpec Educação no ano de 2021; ABRES.NUBE(Núcleo Brasileiro de Estágio) 2019/21 e PNAD Contínua 2019 –Educação divulgado pelo IBGE, dentre outras pesquisas que corroborem para o objetivo da pesquisa em questão divulgado entre os anos 2012 e 2022.

Os dados secundários retirados de fontes oficiais tem o objetivo de coletar as seguintes variáveis: índice de evasão abrangendo os anos de 2012 a 2022, renda per capita, série do ensino médio que mais teve incidência de abandono, exclusão escolar por cor, raça, gênero, faixa etária, localização da escola, motivos que levam ao abandono.

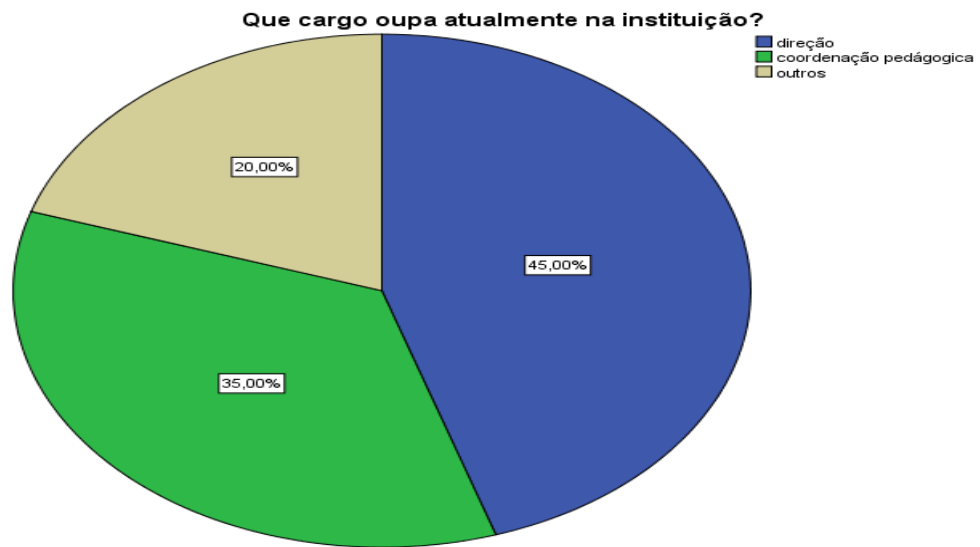
As informações retiradas do questionário aberto e fechado, tem o objetivo de quantificar a diferença do abandono escolar entre escolas públicas e privadas, a evasão escolar de estudantes por cor, raça e gênero. Neste momento da pesquisa pretende-se observar e compreender: 1) O quanto o período pandêmico impacta a exclusão escolar na população estudantil de Santa Maria 2) se existe iniciativas das escolas quanto a busca ativa

Em relação ao tratamento dos dados, estes serão sistematizados com o auxílio de programas informacionais, que auxiliam no gerenciamento qualitativo e estatístico das informações, para tanto, utiliza a metodologia quantitativa, a coleta de dados do tipo *survey* e a análise de dados por meio da estatística descritiva e do software SPSS. Quanto à análise dos dados a mesma dar-se-á com base nos aspectos teórico-metodológicos da Sociologia, principalmente de Florestan Fernandes e Pierre Bourdieu, cujas principais categorias de análise são: evasão, violência simbólica, classe social, raça e gênero, instituição escolar.

1.2. PERFIL DOS PARTICIPANTES

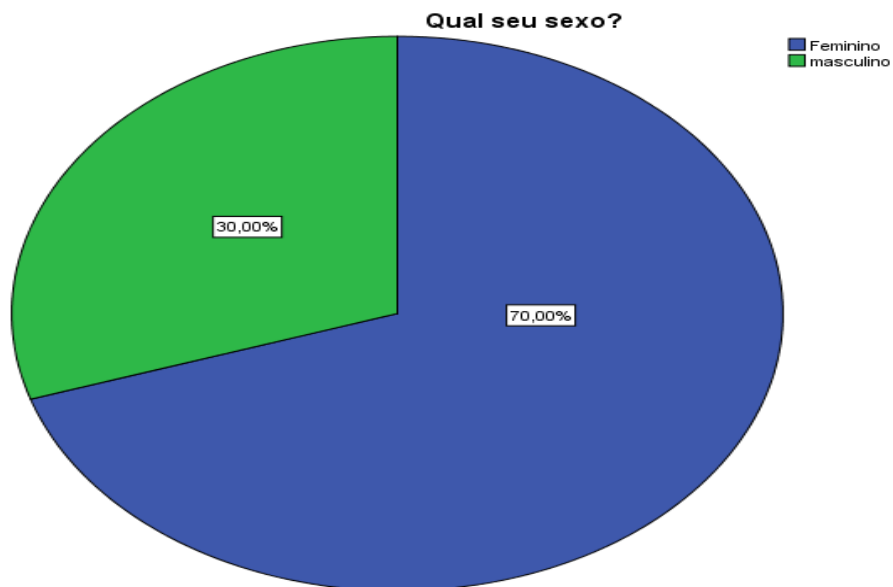
Participaram da pesquisa gestoras (res) de escolas públicas e privadas do ensino médio santa-mariense. Conforme o gráfico1, a maioria das gestoras (res) ocupavam o cargo de Direção, seguido de coordenação pedagógica; 45%, com experiência de cinco anos no cargo. 70% por cento eram do sexo feminino e 30% do sexo masculino, ou seja, do universo de 20 respondentes 14 eram mulheres 6 homens. 19 declaram ser branca (o) 1 não soube responder. Todas as escolas localizavam-se em área urbana.

Figura 1 - Cargo que Ocupa na Instituição



Fonte: Elaborado pela própria autora. (N) 20.

Figura 2 - Sexo dos Gestores



Fonte: elaborado pela própria autora (N) 20.

1.3. OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

O objetivo geral da presente pesquisa é analisar as implicações da pandemia do coronavírus sobre a evasão escolar no ensino médio das escolas públicas e privadas da cidade de Santa Maria. Sendo os objetivos específicos (1) observar a influência de dados socioeconômico (sexo renda escolaridade) sobre a evasão escolar (2) verificar a influência da variável raça na evasão dos estudantes (3) observar a influência da variável sexo/gênero sobre a evasão (4) observar como a instituição escolar realiza a busca ativa dos discentes evadidos.

2. BRASIL E O HISTÓRICO DA EVASÃO

Florestan Fernandes, sociólogo, antropólogo, etnólogo, autor e ativista brasileiro, foi um dos intelectuais que atuou com perseverança pela escola pública e de qualidade. A partir de 1959 participou do Movimento em Defesa pela Escola Pública, organizado com intenção de promover a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Florestan viajou por vários lugares do Brasil palestrando sobre os desafios da educação e apontando caminhos possíveis para superá-los, publicou vários livros centrados na conjuntura política, entre os quais LDB: impasses e contradições (1993) e Tensões da educação (1995), Educação e Sociedade no Brasil (1966) Manteve uma coluna semanal regular, onde publicava incansavelmente seu saber crítico, sobre o poder revolucionário da educação. (SANFELICE, 2014).

É importante ressaltar que Florestan Fernandes, participou como deputado constituinte na elaboração da Constituição de 1988, período que era deputado e da elaboração da lei 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB). Trajetória que demonstra seu ativismo político, principalmente a favor da inclusão através da educação, ele foi um dos teóricos da Sociologia da Educação que discutiu e documentou as fragilidades do sistema educacional, sugeriu ações intervencionistas para minimizar e ou erradicar os problemas acerca da educação, dissertou sobre o papel do cientistas sociais para com a educação, defendendo a ideia do estreitamento entre educadores e cientistas sociais, defendeu a necessidade dos problemas educacionais serem tratados de forma científica e reflexiva, possibilitando a aproximação da realidade social e apontando caminhos possíveis para transformá-lo. (FERNANDES, 1974).

Os dilemas explorados por Florestan Fernandes, oscilam entre avanços e retrocessos. No contexto histórico vivenciado pelo autor, o espaço escolar era majoritariamente ocupado por estudantes de famílias privilegiadas, a educação era instrumento de diferenciação de classe, situação que se encontrava em todas as modalidades de ensino, principalmente na universidade, quanto mais elevado o nível de ensino menor a diversidade. Mas, sem dúvida haviam exceções, o próprio Florestan foi uma, filho de mãe solo, que era doméstica, começou a trabalhar cedo em paralelo como seus estudos, em sua biografia, encontramos o relato de que o menino Florestan desenvolveu o gosto pelos estudos por conta da patroa de sua mãe, lugar onde mantinha contato com livros. Cresceu entre os cortiços de São Paulo e a “casa grande”, ambiente que fez florescer sua sociologia crítica, em muitos depoimentos o autor revela que sua vida particular foi um ambiente fértil para desenvolver suas teorias.

(SANFELICE, 2014) É importante enfatizar que o sucesso ou fracasso escolar não depende unicamente do indivíduo, de certo, diversos elementos associados interferem nessa trajetória.

Retomando a questão de que os espaços educacionais foram majoritariamente ocupados por indivíduos privilegiados em dado contexto histórico, podemos perceber um avanço quanto a ocupação desses espaços, atualmente a diversidade é presente em todos os níveis de ensino. Por mais que o Brasil esteja longe de alcançar o ideal no que diz respeito a igualdade e equidade, há presença de classe, cor/raça e etnias nas instituições. Direitos foram conquistados, porém para se alcançar uma educação quantitativa e qualitativa requer ações políticas que privilegiem o acesso e permanência, é perceptível a transformação na configuração nesses espaços, ainda assim é um lugar que reproduz desigualdade.

A instituição escolar se expandiu, o acesso à educação tornou-se universal com a constituição Federal de 1988, que no artigo 206 estabelece que o ensino será ministrado nos princípios de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Em seguida temos a Lei 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), foi promulgada como principal objetivo de orientar a educação, foi constituída de forma democrática, levou 8 anos para a aprovação do texto final. Assim como as demais leis, a LDB tem suas fragilidades, mas é de fundamental importância, uma vez que ampliou o acesso à educação e aprimorou o financiamento na área. Embora tais leis garantam o direito ao acesso à educação, antigos e novos dilemas se misturam e o Brasil não consegue sair do cenário de exclusão escolar, não consegue atingir metas educacionais para se fazer valer um direito fundamental.

As profundas desigualdades sociais do país impedem que os indivíduos partam do mesmo ponto de partida, e ao mesmo tempo que a escola é plural e diversa, os mais vulneráveis não conseguem competir em igualdade de condição.

Temos um expressivo número de pessoas que não sabem ler e escrever, são 11 milhões de analfabetos, numa população de 15 anos ou mais, (Pnad 2019), altos índices de evasão e as razões são multifatoriais. Como superar as extremas desigualdades se o país não consegue erradicar o analfabetismo? Algo que parece essencial e básico, mas que faz parte de um diagnóstico negativo da educação, atravessa gerações e não tem data certa para ser erradicado, é um dos objetivos das leis de diretrizes e bases que ainda não foi possível ser alcançado.

A luta de Florestan como pesquisador e militante foi por uma educação democrática e inclusiva, por um sistema educacional que dê conta de necessidades regionais específicas, ou seja, que a estrutura e funcionamento da educação corresponda a diversidade cultural e a realidade socioeconômica dos atores sociais, desconstruindo um sistema de ensino ancorado

no tradicionalismo institucional, onde o conhecimento “transmitido” é o conhecimento erudito das elites econômicas, o que implica no sucesso ou fracasso dos grupos sociais. (BOURDIEU, 2003). Florestan fala também do papel do sociólogo no processo da construção de uma sociedade mais igual, porém, enfatiza que os cientistas não dão respostas últimas aos problemas e que o destino prático das contribuições sociológicas, depende de como elas serão incluídas no processo social; “os problemas educacionais brasileiros só poderão ser resolvidos, através de mudança social organizada”. (FERNANDES, 1974, p.416)

2.1. BRASIL E EVASÃO: CENÁRIO DE DESIGUALDADES

A educação caminha entre avanços e retrocessos, ao passo que a educação se tornou universal e que o sistema escolar tem como meta incluir todos, a evasão escolar é persistente e esse fenômeno tem relação direta com desigualdades em todos seus espectros, os excluídos da escola são de família mais vulneráveis, então podemos dizer que falar sobre evasão escolar significa falar dos recortes classe social, cor/ raça e gênero.

A exclusão escolar afetava principalmente quem já vivia em situação mais vulnerável. A maioria fora da escola era composta por pretas(os), pardas(o) e indígenas. Proporcionalmente, a exclusão afetava mais as regiões Norte e Centro-Oeste. E, de cada 10 crianças e adolescentes fora da escola, 6 viviam em famílias com renda familiar per capita de até ½ salário mínimo. A desigualdade social presente em nossa sociedade se reproduzia ao olhar para a exclusão escolar. (UNICEF- 2020)

Os dados divulgados pelo UNICEF, revelam os impactos da pandemia da COVID19 sobre a evasão escolar, mais que isto, nos mostram que o período pandêmico escancarou o abismo das desigualdades no Brasil, olhar para a escola significa olhar para um micro universo que representa o contraste social enraizado no país, a distância entre a maioria mais rica e a minoria mais pobre se acentua diante desse contexto social, é o que mostra o gráfico 3, levantamento feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) sobre a taxa de evasão no ensino médio, a pedido do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Figura 3 - Taxa de Abandono Ensino Médio



Fonte: INEP, 2021.upd, Fundação Roberto Marinho.

O gráfico histórico apresenta queda na taxa do abandono escolar no ensino médio a partir de 2010, embora as desigualdades permanecessem diminuindo. Podemos observar que o ano de 2020 foi a menor porcentagem com 2,6%, mas que no ano seguinte a taxa mais do que dobrou chegando a 5,8%. Lembremos que no ano de 2020 o Brasil estava enfrentando os efeitos da pandemia da COVID19. A adequação do sistema de ensino para a realidade pandêmica demandou tempo, principalmente na rede pública de ensino, acordos emergenciais foram feitos como flexibilização de currículos e readequação de critérios de avaliação e esforços para evitar a reprovação e abandono, parecer nº 5/22 emitido pelo Mec, medida que interfere de forma decisiva na taxa de evasão no período da pandemia. Em 2021, somente no ensino médio 407, 4 mil jovens de 15 a 17 anos estavam fora da escola ou que não concluíram, representando o dobro do ano anterior. (INEP 2021)

A distribuição desigual das oportunidades de acesso à educação, coloca em desvantagens grupos sociais, como nos revelam os dados do INEP, onde famílias mais vulneráveis foram as mais afetadas pelas consequências da pandemia. A maior parte da população brasileira são de pretas (os) e pardas (as), segundo a pesquisa realizada pelo IBGE sobre proporção de pretos, pardos e brancos na população³, 56,1% autodeclararam ser pretos e pardos, contra 43% autodeclarados brancos, essa pesquisa revelou que houve aumento na autodeclaração de pretos e pardos que no ano de 2012 era de 53%. (IBGE,2021).

³ IBGE -Pnad Contínua. Pesquisa Nacional por Amostra e Domicílios 2012/2021. Proporção na população de preto, pardo e branco.

Um estudo realizado pela Fundação Carlos Chagas em nível nacional sobre o abandono e desigualdades durante a pandemia, revela que em uma população de 432 mil estudantes entre 15 e 17 anos do ensino médio que estavam fora da escola 28,3% eram meninas pretas, 39,5% meninos pretos, 13,9 meninas brancas, 18,3% meninos brancos. (Fundação Carlos Chagas, 2021).

Florestan Fernandes (1960) em suas viagens pelo Brasil desenhou um país marcado pelas desigualdades, afirmou que a falta de plasticidade da educação não permite a inclusão proporcional de minorias, ou seja, o sistema educacional brasileiro em sua raiz não consegue se ajustar com as diferenças culturais e socioeconômicas existentes no país.

Os problemas educacionais brasileiros visto de uma perspectiva macrosociológica apresenta-se em grande parte como produto da nossa incapacidade de ajustar as instituições educacionais às diferentes funções psicoculturais e socioeconômicas que elas devam preencher. (FERNANDES, 1960)

No contexto pandêmico velhos e novos dilemas educacionais se imbricam, o período retardou algo que já era atrasado tornando os problemas mais complexos, desfavorecendo as minorias. É provável que os indivíduos afetados pelo impacto do coronavírus tenham maior dificuldade na ascensão social, uma vez que os títulos de escolarização é uma forma de justificar uma posição social e é uma ferramenta indispensável para a concorrência no campo (BOURDIEU, 2003) Os motivos para evasão de meninos e meninas são diversos, no período pandêmico outros fatores se somaram para o aprofundamento dos problemas, não ter as ferramentas necessárias para acompanhar a nova modalidade e o agravamento da pobreza. Segundo os dados divulgados pelo UNICEF (2021) o Brasil corre o risco de regredir mais de duas décadas de acesso de meninas e meninos à educação.

2.2. DESIGUALDADE ESCOLAR

A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu coloca novos questionamentos sobre a função e o funcionamento social do sistema de ensino na sociedade contemporânea e sobre as relações que mantêm os diferentes grupos sociais com a escola e com o saber (NOGUEIRA, CATANI, 2007). O autor rompe com os paradigmas de uma escola pautada na descoberta de aptidões individuais e “dom natural”, revelando que a escola é um lugar desigual, pendendo para a reprodução social e de conservação cultural.

É provavelmente que por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (BOURDIEU, 2007)

Pierre Bourdieu argumenta (2003) que a herança cultural é a principal responsável pela desigualdade de destino escolar de grupos sociais distintos, uma vez que o saber reconhecido como legítimo é a cultura das elites econômicas. Bourdieu entende que o sistema educacional transmite e dissemina um conhecimento que pertence a uma classe social específica; o saber “culto”, “erudito” da classe dominante. Se a herança cultural é aquilo que define o destino escolar dos estudantes, significa dizer que grupos sociais desprovidos do conhecimento exigido pelas escolas terão mais dificuldade de acessar ou internalizar esse saber.

Segundo o autor, o capital cultural é o principal elemento de desigualdade escolar, mas reconhece que o capital econômico possibilita que as classes privilegiadas tenham acesso a espaços que contribuem para a internalização do conhecimento exigido pelas instituições educacionais. Quando estudantes de classe privilegiadas passam por um processo seletivo ou avaliativo o capital cultural acumulado pelas experiências de classe será definitivo em seu destino escolar ou projeto de vida de “sucesso,” em detrimento de grupos sociais vulneráveis. De certo podemos estudar a obra de Bourdieu a partir de cada conceito desenvolvido por ele, mas não podemos esquecer que suas teorias/conceitos podem ser melhor compreendidas articuladas entre si, logo, estudar os tipos de capitais e seus significados articulados permite compreender de forma sistemática e profunda sua teoria.

A origem social e cultural de grupos sociais populares, se difere daquela cobrada pela escola, segundo Bourdieu (2003) experiência que causa estranhamento, os estudantes não reconhecem os sistemas de códigos transmitidos, não compreendem a cultura escolar, pois é organizada a partir da cultura das classes dominantes fato que coloca grupos sociais em desvantagem. Para Bourdieu esse processo se inicia desde a primeira infância, na socialização primária. Junto a família os hábitos de classe vão sendo integralizados, isto não quer dizer que as classes mais populares não têm cultura, ao contrário, têm seus próprios códigos culturais, porém, a cultura escolar não privilegia, para Bourdieu (2003) ao acessar a escola a criança traz consigo sua bagagem cultural.

Pierre Bourdieu em sua extensa pesquisa sobre a função e o funcionamento social do sistema de ensino nas sociedades contemporânea (NOGUEIRA, CATANI, 2007) olha para a trajetória escolar dos diferentes grupos sociais e observa que majoritariamente os bancos das

universidades eram ocupados por estudantes de famílias de classe privilegiada, ao constatar esse fato, defendeu a ideia de que o sucesso/insucesso escolar dependia tanto do conhecimento que os pais transmitem para os filhos, quanto dos conhecimentos globais (conhecimentos mais gerais incorporado pela experiência do meio social) e das relações sociais das famílias, ou seja, as informações de como funciona o sistema escolar também implica em uma trajetória de sucesso. O desempenho dos filhos de classe privilegiada durante a trajetória escolar, segundo Bourdieu, é associado a uma teia de relações entre estrutura social e indivíduo, (capital econômico, capital social, capital cultural e capital simbólico). Segundo o autor, o capital cultural é o principal responsável pelo sucesso ou insucesso na trajetória escolar, uma vez que a cultura escolar, nesse sentido, a escola reproduz as desigualdades sociais no sistema de ensino ao conservar uma cultura específica, o capital cultural é a moeda de troca no mercado do conhecimento.

A defasagem no sistema educacional brasileiro pode ser analisada pela perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu, uma vez que um número expressivo de estudantes fora da escola ou que enfrentam muitas dificuldades para se manter nela, são de classes sociais mais populares, pressupõe-se que as dificuldades de internalizar a cultura escolar é um dos fatores que exclui meninos e meninas da instituição escolar.

Para o autor, a relação de desigualdade no sistema de ensino configura-se em violência simbólica, ele compreende que existe o reconhecimento de imposição determinada de uma cultura sobre a outra que se caracteriza por coação psicológica. Quando a escola privilegia uma cultura em detrimento de outra expressa uma violência silenciosa, mas que causa grandes impactos sociais, danosos principalmente para os grupos sociais desprovidos de capital cultural.

Bourdieu defende que os grupos sociais têm atitudes diferentes frente à escola, os sistemas de valores que cada grupo atribui à instituição escolar depende da posição social, o que implica nas expectativas das oportunidades objetivas de ascensão social. Cada grupo social internaliza as oportunidades objetivas de acordo com sua experiência de derrota ou sucesso na trajetória escolar e de seu meio social (BOURDIEU, 2007) é como se cada grupo internalizasse um destino inevitável. Segundo o autor, a pequena burguesia, classe de transição, adere fortemente aos valores das escolas porque existe grandes chances de satisfazer todas suas expectativas, “esperanças objetivas”. (BOURDIEU, 2007) Alain Girard & Henri Bastide, escrevem, “os objetivos das famílias reproduzem de alguma maneira a estratificação social.”

Podemos perceber essas atitudes hoje na classe média/alta, os pais investem massivamente na trajetória escolar de seus filhos e filhas, acreditando na ascensão destes através dos títulos escolares, enquanto os grupos sociais populares, encontram muitos obstáculos para ascender socialmente através da escola, porque têm mais dificuldade de acessar e assimilar a cultura escolar e não detém os meios para adquiri-la, o que os colocam em desvantagem.

Segundo o autor, os cálculos estatísticos para atingir as “oportunidades objetivas”, são feitas mesmo que de forma inconsciente, mas as aspirações são limitadas por sua condição objetiva, ou seja, condição de classe. Enquanto os estudantes de grupo social privilegiado são encorajados a alcançar seus objetivos através da ascensão escolar, afinal, detém todos os meios necessários para alcançar o “sucesso escolar”, os pais de estudantes desprovidos tendem a não investir na trajetória escolar por internalizar a impossibilidade ou interdição, afinal, quais são as condições objetivas que excluem a possibilidade de desejar o impossível? (BOURDIEU, 2007).

O conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu, nos permite olhar para o processo de desigualdades de escolarização no Brasil. Por um longo período de tempo a educação foi privilégio da oligarquia brasileira, a educação esteve estritamente ligada ao privilégio de classe usada como ferramenta de status social. A história da educação brasileira demonstra as dificuldades da população preta de acessar a escola, mesmo no pós- abolicionismo a inclusão de pretas e pretos não foi priorizada pelo Estado o que mostra um movimento de opressão/resistência; “mesmo depois da proclamação da independência e mesmo com negros libertos, não lhes será, muitas vezes em mais de uma província, permitido frequentar escolas.” (TOBIAS, 1972, p. 97) No artigo de Marcos Vinícius Fonseca (2016) o autor destaca outro trecho da obra de TOBIAS (1972) que tem as seguintes palavras:

Esta obra foi reeditada em 1986 e, na nova edição, o autor acrescentou as províncias em que, segundo ele, era proibido aos negros frequentar escolas: Rio de Janeiro, Alagoas, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Acrescentou também a fonte de pesquisa de onde retirou estas informações: o livro *A Instrução e as províncias: subsídios para a história da educação (1834-1889)*, do historiador Primitivo Moacyr. (FONSECA, 2016, p.27).

A historiografia denuncia o impedimento da inserção da população negra ao Sistema de Ensino Nacional, constatando que foram excluídos da escola por um longo período de tempo, logo, são grupos sociais que não partem do mesmo ponto de partida dos grupos privilegiados, experiência que possivelmente pode ser estendida aos povos originários, uma vez que, assim como a população preta são grupos minoritários que têm suas trajetórias

marcadas por opressão e resistência. Os dilemas educacionais contemporâneos estão calcados no processo histórico de desigualdades no acesso à educação, houveram mudanças significativas e devem ser reconhecidas, mas as lacunas persistem.

A desigualdade escolar, desigualdades regionais, são grandes no país e se intensificaram no período da pandemia, dados do INEP (2020) denunciam que o Brasil corre o risco de regredir mais de duas décadas de meninos e meninas no acesso à escola, na prática isso quer dizer que não terão condições de oportunidades iguais no mercado educacional, pois a titulação é indispensável para ascensão social (BOURDIEU, 2003)

Indicadores educacionais são desanimadores quando trata do desempenho ou trajetórias escolares de grupos sociais mais vulneráveis, suas trajetórias são marcadas por “necessidades objetivas”, uma vez que um dos principais motivos do abandono é para ajudar na renda da família.

Os motivos para o abandono escolar são multifatoriais, mas a necessidade de trabalhar para ajudar ou sustentar a família é um dos principais motivos que excluem meninas e meninos da escola. A experiência de fracasso escolar é frequente na trajetória de grupos sociais mais vulneráveis, parece que crianças e jovens internalizam um destino inevitável, absorvem que o sucesso/insucesso escolar é uma responsabilidade individual, mas faz parte de um sistema simbólico que não permite que a diversidade cultural seja contemplada na instituição de ensino causando desigualdades.

3. SANTA MARIA E EVASÃO ESCOLAR: CONTEXTO PANDÊMICO

O Município de Santa Maria com seus 285. 159 habitantes (IBGE, 2021) é considerada uma cidade mediana, conta com rede de escolas públicas e privadas, segundo a prefeitura, as escolas incluindo todos os níveis de ensino, atendem um total de 100 mil alunos (Jornal do Comércio, 2022).⁴

Durante a pandemia do coronavírus todas as escolas suspenderam suas atividades presenciais, as aulas foram ministradas através do Ensino Remoto, assim como nas outras regiões do Brasil; a cidade manteve esta modalidade de ensino durante dois anos, devido às medidas de enfrentamento da pandemia do coronavírus.

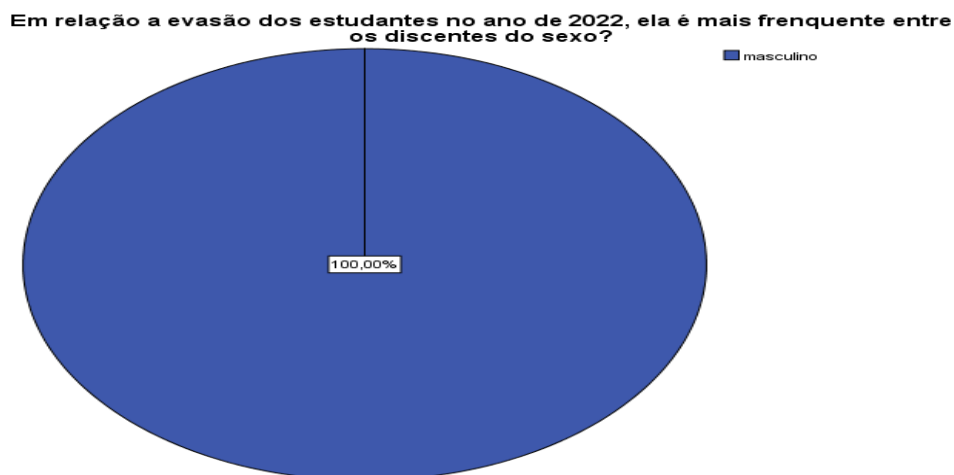
A presente pesquisa analisou as implicações da pandemia sobre a evasão escolar em Santa Maria nas escolas públicas e privadas tendo como alvo o ensino médio. Não foi possível quantificar a evasão nas escolas particulares, uma vez que a maior parte das (dos) gestoras (res) respondentes desconsideraram a existência de evasão em suas instituições de ensino, a maioria das justificativas foi que estudantes de escolas particulares não evadem, eles migram para outras escolas por motivos diversos.

Os motivos para o abandono em Santa Maria são multifatoriais, os principais motivos respectivamente são: ajudar na renda da família, depressão e ansiedade e desinteresse, este último seria interessante analisar de forma mais específica, ouvi os próprios estudantes para identificar porque a escola não é um espaço interessante para eles. Como a pesquisa levantou os dados a partir da percepção das gestoras (res) sobre a evasão no período pós - pandêmico, não teria como coletar os motivos que levam ao desinteresse dos estudantes pela escola, mas é um ponto que seria interessante aprofundar.

Os dados levantados foram analisados em sistemas informatizados, para tanto, utiliza a metodologia quantitativa, a coleta de dados do tipo *survey* e a análise de dados por meio da estatística descritiva e do software SPSS, que tem como objeto fazer a frequência e tabulação dos dados, permitindo análise detalhada, possibilitando mais precisão nas estatísticas. A experiência no laboratório de informática permitiu organizar os dados de forma que ficassem mais acessíveis à interpretação.

⁴ Matéria: Santa Maria pulsa com o retorno de 40 mil estudantes às atividades presenciais. Disponível em <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cadernos/empresas_e_negocios/2022/05/847851-santa-maria-pulsa-com-o-retorno-de-40-mil-estudantes-as-atividades-presenciais.html> Acesso em 10 fev. 2023

Figura 4 - A Influência do Sexo Sobre a Evasão



Fonte: elaborado pela própria autora. (N) 10

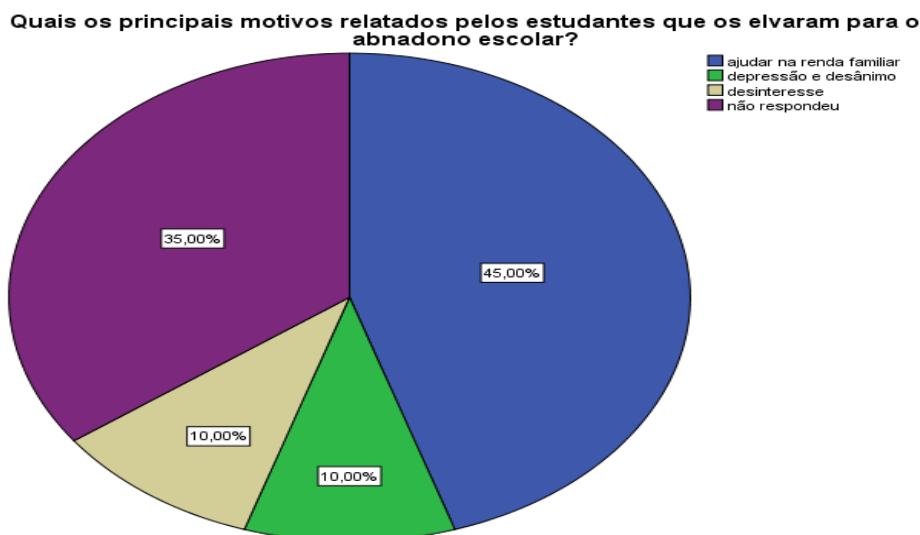
Das 20 escolas respondentes, somente 10 responderam à pergunta sobre o sexo/gênero, a maior parte das justificativas é de que nos últimos anos o governo não está cobrando esses dados específicos, apenas números de matrículas, não sendo obrigatório informar o sexo/gênero, cor/raça.

O número de não respondentes indica que as escolas não têm dados estatísticos sobre a pergunta e/ou não entendem como necessário tê-la. Com frequência a referida pergunta foi respondida da seguinte forma “a escola tem alunos” de forma generalizada, demonstrando que não é relevante ter dados sobre os recortes, principalmente o recorte racial da escola. Podemos levantar a hipótese de que a presente pesquisa foi realizada dentro de um contexto político específico, de ideais conservadores, onde o debate sobre igualdade de direito, de sexo/gênero e cor/raça foram minimizadas na pauta política, prejudicando o entendimento da importância dos dados para o fortalecimento de garantias legais, conquistadas com muita persistência e luta.

A carência de dados dessa natureza obstaculiza quantificar de forma mais precisa o quanto a escola avançou no ideal igualdade/equidade. Dados levantados pela Fundação Carlos Chagas (2021), indicam que 39,5% da evasão no ensino médio no período pandêmico são de meninos pretos e pardos de um número total de 432 mil entrevistados. A pesquisa realizada em Santa Maria chega a mesma conclusão: 28,57% de 8.627 de meninos pretos/pardos deixaram a escola em 2022. Uma das metas a serem atingidas pela Lei de Diretrizes e Bases

da Educação e a igualdade de gênero nas instituições de ensino, mas como universalizar o ensino referente a igualdade de gêneros se os números são negados ou carentes?

Figura 5- A Influência da Renda Sobre a Evasão



Fonte: Elaborado pela autora (N) 12

Os dados de Santa Maria referente aos motivos do abandono e a classe social que pertencem os estudantes do ensino médio, estão de acordo com dados nacionais, a maioria dos estudantes tiveram que abandonar os estudos para ajudar na renda da família durante a pandemia. No período pós- pandêmico os indicadores permaneceram, 45% dos estudantes do ensino médio de Santa Maria tiveram que abandonar a escola para trabalhar.

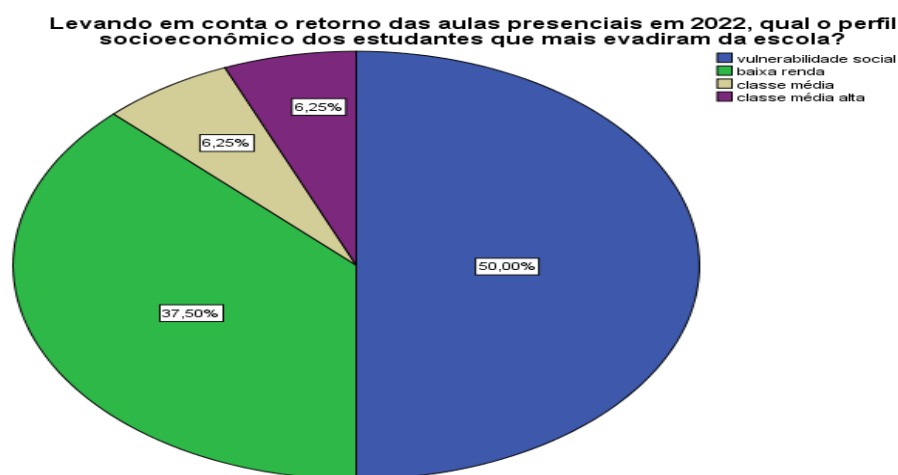
Quando as respostas são separadas por sexo da(o) respondente, verifica-se que, na faixa etária de 15 a 17 anos, mais meninos do que meninas trabalhavam ou estavam à procura de trabalho e, possivelmente pelo mesmo motivo, são os que mais alegam falta de vagas no turno letivo desejado, enquanto mais meninas alegam não ter escola em locais próximos de seus locais de moradia (IBGE. Pnad 2019)

Outro dado que chama atenção é o abandono por motivo de depressão e ansiedade, este motivo foi relatado com frequência pelas gestoras (as) de escolas públicas e privadas. Elas perceberam que houve aumento no número de estudantes medicados para controlar esses transtornos, relatam que com o retorno das aulas as crises de ansiedade nas escolas são recorrentes. A pesquisa revela que 10% dos estudantes não conseguem permanecer na escola pelos motivos citados, em casos mais graves de depressão e ansiedade a escola permitiu que alunos específicos continuassem com Ensino Remoto.

Uma pesquisa realizada em 2022 pelo Instituto Ayrton Senna junto com a Secretária de Educação do estado de São Paulo, mostra dados sobre a saúde mental dos estudantes. A pesquisa ouviu 642 mil estudantes em todo o estado de São Paulo do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e divulgou os seguintes resultados:

A pesquisa mostra que 33% dos estudantes dizem hoje ter dificuldades de concentração sobre o que é transmitido em sala de aula; outros 18,8% disseram se sentir "totalmente esgotados e sob pressão"; 18,1% disseram "perder totalmente o sono devido às preocupações" e 13,6% relataram "a perda da confiança em si mesmo". Além disso, 1/3 dos alunos se autoqualificou como "pouquíssimo focados". (Senado Notícias, 2022)⁵

Figura 6 - Influência Socioeconômica Sobre a Evasão

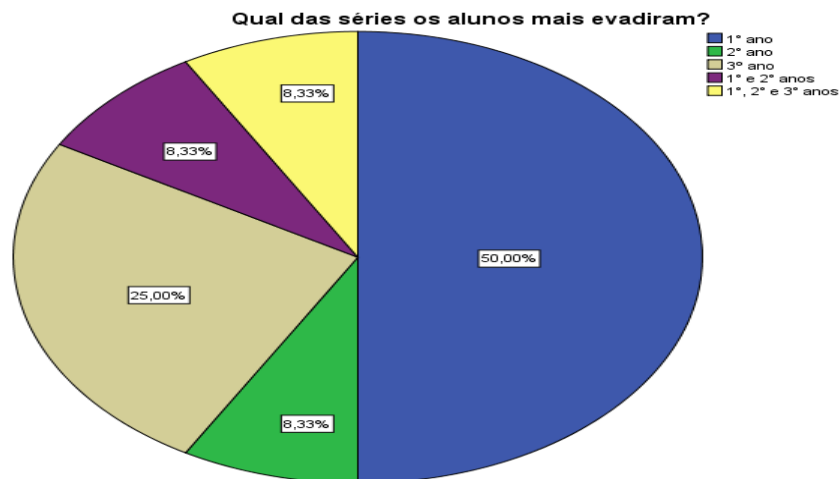


Fonte: Elaborado pela própria autora. (N) 16.

Das 20 escolas participantes, 16 responderam, 4 gestoras (es) não responderam. Os indicadores revelaram o que já era esperado, famílias mais vulneráveis foram em maioria mais afetadas pela pandemia da COVID19. Enquanto gestoras (es) de escolas particulares negam a presença de evasão, estudantes de escolas públicas de famílias vulneráveis e baixa renda, tiveram que deixar o espaço escolar por inúmeros motivos, o principal que os jovens abandonaram a escola foi para trabalhar.

⁵ Matéria: Pandemia prejudicou condição psicológica de estudantes, mostra pesquisa. <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/30/pandemia-prejudicou-condicao-psicologica-de-estudantes-mostra-pesquisa>> Acesso em 24 Jan, 2023.

Figura 7 - Influência da Escolaridade Sobre a Evasão

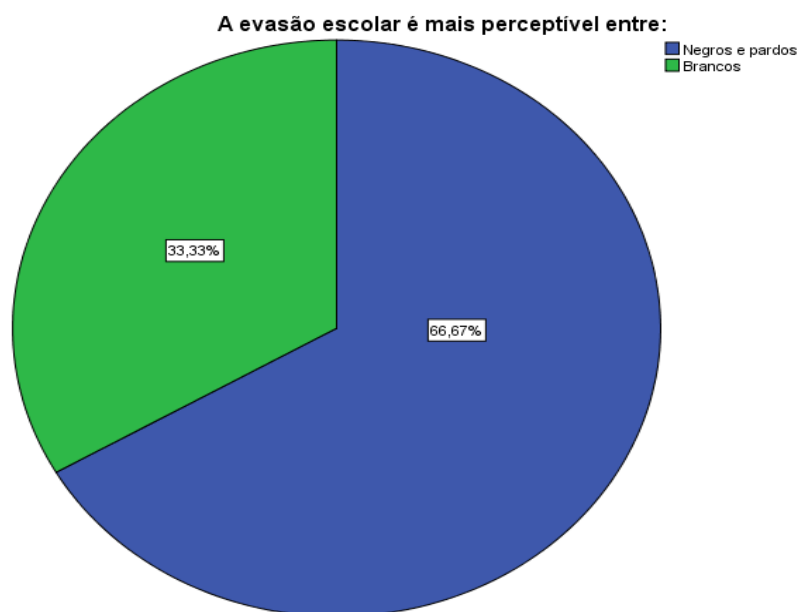


Fonte: elaborado pela própria autora. (N) 12

Das 20 participantes 12 responderam, 8 não responderam. 50% de meninos e meninas evadidos eram do 1º ano do ensino médio, 25% do 3º ano. 8,33% responderam que estudantes dos 1º e 2º evadiram no período pós pandêmico o mesmo percentual foi respondido para os 1º, 2º e 3º anos. Podemos perceber que os índices mais altos de abandono por nível de ensino se concentram nos primeiros e terceiros anos do ensino médio, dados que podem estar associados ao abandono por motivo de trabalho.

Constatou-se no gráfico 5 desta pesquisa, que o principal motivo de abandono é que os jovens têm a necessidade de trabalhar para ajudar a família. Abre-se então precedentes para a seguinte hipótese, estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental abandonaram a escola para ajudar na renda da família, o que implica na queda no número de matrículas nos primeiros anos do ensino médio no retorno às aulas presenciais, alunos do terceiro ano possivelmente foram afetados pelo mesmo motivo, pela necessidade de trabalhar, outro fator que pode estar associado é a distorção série-idade, as escolares mantiveram restrições de isolamento durante dois anos, caso os alunos estivessem em idade adequada para o terceiro ano do ensino médio antes da pandemia, ou seja, com idade entre 15 e 17 anos, passados os dois anos pandêmico este mesmo grupo estaria em idade entre 19 e 20, e possivelmente no mercado de trabalho o que pode dificultar o retorno à escola.

Figura 8 - Influência da Variável cor/raça Sobre a Evasão



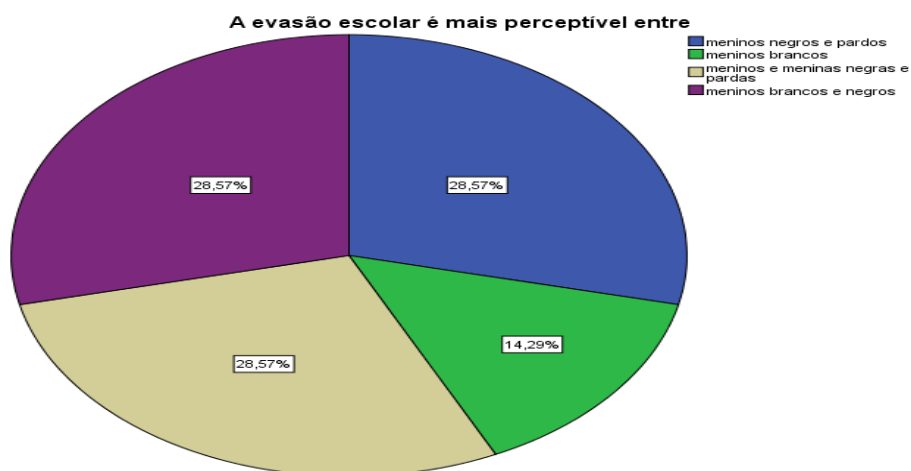
Fonte: Elaborado pela autora. (N) 6.

Perguntas sobre cor/raça foram respondidas com resistência, para alguns gestores na escola “têm alunos” de forma generalizada, não importa muito a cor/raça. Palavras escritas e verbalizadas se repetiram “não influencia em nada”, “não é obrigatório levantar dado nesse sentido”, “o governo não cobra esses dados”, “não temos esses dados e não nos preocupamos com eles”, temos que ter alunas (os) na escola. Gestoras (es) entendem que é desnecessário estatísticas sobre a cor/raça da comunidade estudantil de Santa Maria.

As escolas não têm os dados e priorizam não os ter, tanto da rede pública quanto privada. Quando foi perguntado sobre a cor/raça das gestoras (res) das 20 escolas, 18 responderam que são brancas (os), 1 não sabia responder e 1 não respondeu, isso quer dizer que 94,74% se reconhecem como brancas (os).

Mesmo que a participação dos respondem a essa pergunta tenha sido baixa, ainda se constatou que 66,67% dos alunos evadidos são de negros e pardos, das 20 participantes 6 respondentes perceberam a ausência de população negra e parda no espaço escolar.

Figura 9 - Influência de Cor/raça e Gênero Sobre a Evasão



Fonte: Elaborado pela própria autora. (N) 7

Das 20 gestoras (rés), 6 não souberam responder, 7 não responderam. Totalizando 13 não respondentes, 7 responderam. A participação no levantamento de dados sobre cor/raça foi muito baixa. 2 responderam meninos negros e pardos, 2 meninos e meninas negros (as) e pardos (as), 1 meninos brancos, 2 meninos brancos e negros.

As escolas não dispõem de dados que quantifiquem a população estudantil por cor/raça e gênero, o que implicou no número baixo de escolas que informaram os dados. Mesmo com poucas respostas sobre cor/raça e gênero, podemos perceber que a evasão é maior entre meninos e meninas pretos (as) e pardos (as) com 28.57%, dado que se equipara a estatística nacional. Uma pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas (2021) revela que no universo de 432 mil estudantes do ensino médio 39.5% dos estudantes fora da escola são meninos pretos e 28,3% são meninas pretas.

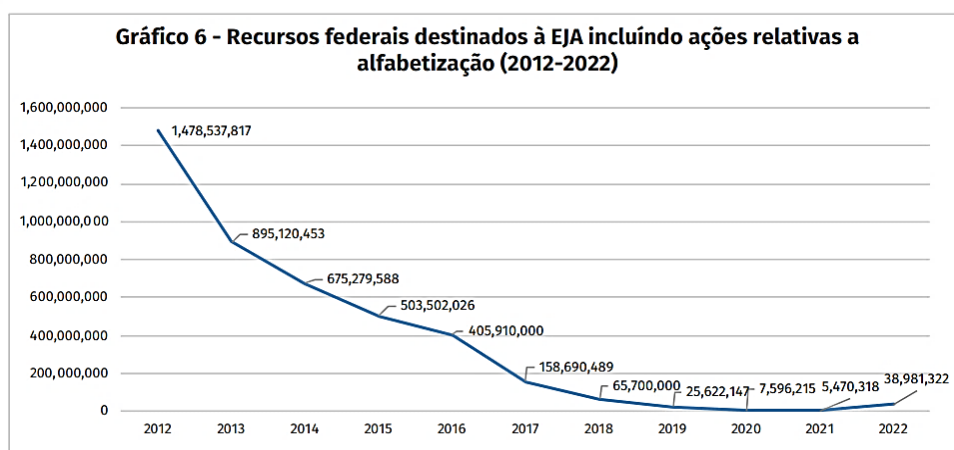
Quando foi perguntado o sexo que mais evadiu no retorno às aulas presenciais (2022) 100% dos respondentes falaram que foi o sexo masculino, dado que foi demonstrado no gráfico 4 da presente pesquisa. Das 20 escolas participantes, 10 responderam à pergunta sobre sexo/gênero.

3. LEVANTAMENTO SOBRE BUSCA ATIVA

Das 20 escolas participantes, 14 realizaram a busca ativa, 4 não responderam, 2 não realizaram. Considerando que as 4 escolas particulares participantes da pesquisa não admitem ter evasão em suas instituições de ensino, as mesmas não teriam motivos para realizar busca ativa.

O levantamento sobre busca ativa, foi feito a partir de uma pergunta aberta, o que permitiu que os respondentes escrevessem suas iniciativas de enfrentamento da evasão no retorno das aulas presenciais. As principais ações foram: contato telefônico com as famílias e estudantes, visitas em casa, contato pelas redes sociais e acionar o conselho tutelar. Em alguns relatos foi possível perceber a insistência de trazer para a escola menores de idade, quanto aos maiores de 18 anos a intervenção é mais tímida, caso o jovem não demonstre interesse em continuar na escola sua matrícula é cancelada. Podemos associar esse último dado aos desmonte da Educação de Jovens e adultos (EJA) Entre 2012 e 2022, a modalidade perdeu 97% dos recursos investidos, mostra o dossiê “Em busca de saídas para a crise das políticas públicas de EJA”, uma iniciativa do Movimento Pela Base e realização da Ação Educativa, Cenpec e Instituto Paulo Freire.⁶

Figura 10 - Recurso Federal destinado à EJA Entre os Anos (2012 a 2022)



Fonte: SIOP. Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento

Fonte: SIOP. Sistema integrado de Planejamento e Orçamento.

⁶ Dossiê “Em busca de saídas para a crise das políticas públicas de EJA”, 2022. Disponível em <<https://observatorio.movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2022/10/dossieeja.pdf>> Acesso em 13 fev. 2023.

O gráfico demonstra que no período de 10 anos os investimentos na Educação de Jovens e adultos vai reduzindo, no período pandêmico caiu consideravelmente, a pesquisa denuncia o desmonte na Educação de Jovem e Adulto (EJA) A pesquisa de campo realizada em Santa Maria, percebeu que as iniciativas de resgatar jovens maiores de idade, através da busca é feita com menos insistência, ao se comparar com estudantes de 14 a 17 anos. É preciso explicar que a pesquisa foi realizada em escolas de períodos diurnos, e com retorno às aulas presenciais os estudantes apresentavam distorção série- idade após o retorno das aulas presenciais. Em resumo, a exclusão de estudantes maiores de 18 anos do espaço escolar pode implicar no baixo investimento na formação de Jovens e Adultos.

Quando foi perguntado sobre quantos alunos retornaram através da busca ativa, somando os números das 14 escolas respondentes, obteve-se um total de 200 estudantes que retornaram para a escola em 2022.

Não foi possível calcular o número exato dos alunos que retornaram para escola, pois como era uma pergunta aberta, algumas respostas inviabilizaram a soma; respostas como “todos,” “10% dos alunos,” “a grande maioria”, “a maioria dos estudantes evadiram”; como não foi fornecido um valor numérico, não foi possível incluir na soma. O número total de estudantes que a escola conseguiu trazer de volta foi feito com base em números absolutos fornecidos pelas gestoras (es).

Constatou-se que a maioria das escolas públicas seguem a orientação da ONU de realizar a busca ativa como uma forma de combater a evasão escolar, em uma realidade pós-pandêmica é uma ação necessária, sobrecarrega os gestores, uma vez que os mesmos têm que realizar as buscas, mas percebe-se que elas são realizadas. Os respondentes julgaram importante a iniciativa, mas sentem o peso do acúmulo de função.

De certo, a busca ativa não é isoladamente o fator que mudará de forma radical o problema da evasão escolar, mas, com suas limitações mostra-se eficaz no retorno, quando afirma a volta para as salas de aulas de 200 alunos depois da pandemia do coronavírus. A primeira necessidade é que ela tenha subsídios suficientes para manter meninas de complexas realidades na escola. Para além da busca ativa é necessário políticas de permanência.

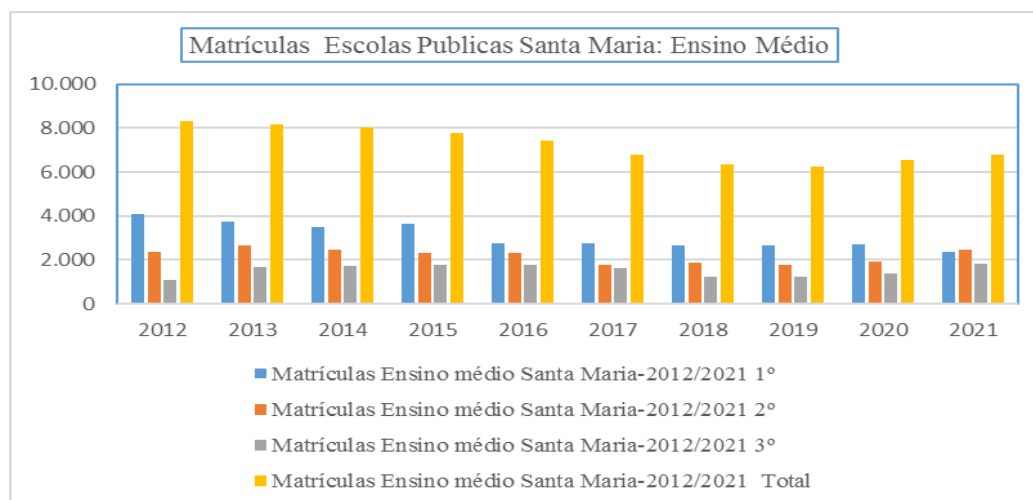
Tabela 1- Matrículas nas Escolas Públicas e Privada Santa Maria (2019/2022)

TIPO	2019	2022	DIFERENÇA
Escola Pública	1.100	1.317	+ 217
Escola Pública	700	680	- 20
Escola Pública	615	594	- 21
Escola Pública*	459	475	+ 16
Escola Pública*	426	386	- 40
Escola Pública	420	355	- 65
Escola Pública	353	332	- 21
Escola Pública	324	327	+ 3
Escola Pública	238	269	+ 31
Escola Pública	162	177	+ 15
Escola Pública	107	110	+ 3
Escola Pública*	100	-	-
Escola Pública	81	36	- 45
Escola Pública*	-	882	- 40
Escola Pública*	-	786	-
Escola Pública*	-	446	-
Escola Privada	1.650	1.400	- 250
Escola Privada	1502	1079	- 423
Escola privada	987	1090	+ 103
Escola Privada*	100	-	+ 16
TOTAL	9.124	8.627	- 497

Fonte: elaborado pela autora. (N 20) * Não é possível contabilizar por não ter os dois valores.

A tabela revela que no período pós- pandêmico são 497 meninos e meninas a menos no ensino médio de Santa Maria, isso dá um percentual de perda de 5,48% dos estudantes. Embora as escolas particulares não considerem que exista evasão em suas instituições, houve perda significativa de alunos no retorno às aulas presenciais, fator que pode estar relacionado com a perda de emprego dos pais ou a diminuição da renda durante o período pandêmico e pós- pandêmico.

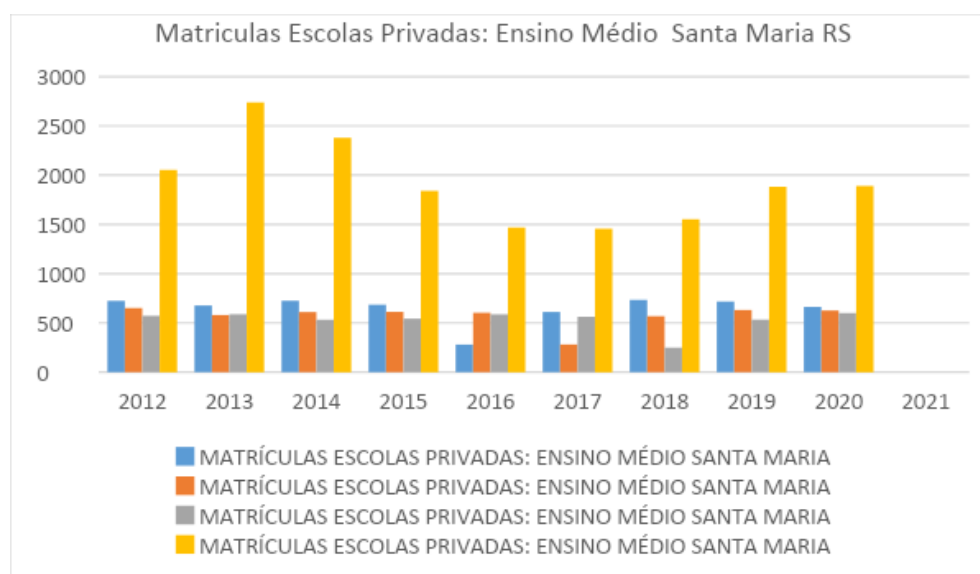
Figura 11 - Matrícula Escola Pública Santa Maria (2012 a 2021)



Fonte: QEDU matrículas, dados das matrículas. Gráfico elaborado pela autora.

Podemos perceber que os 1º anos têm números mais elevados de matrículas e que nos dois últimos anos do ensino médio as matrículas caem, sendo no 3º ano o período em que mais diminuem as matrículas; os indicadores sobre as séries que mais evadem são os primeiros e terceiros anos, se comparado ao período pandêmico, os anos anteriores demonstram números elevados, mas que no contexto pandêmico diminuem esta mesma série, em resumo o gráfico coincide com os dados que foram coletados nas escolas públicas.

Figura 12- Matrículas Escolas Privadas Santa Maria (2012 a 2021)



Fonte: QEDU matrículas. Produção própria. Não tinha dados de 2021*

O gráfico mostra certa constância no número de matrículas, com exceção aos anos entre 2016 e 2018, podemos perceber que mesmo nas escolas particulares os números de matrículas caem nos 2º e 3º anos, sendo o primeiro ano com números mais elevados de matrículas e os segundos e terceiros anos mostram queda, os dados corroboram com os indicadores encontrados em campo, como indica a pesquisa os motivos para a ausência de meninas e meninos nas escolas de Santa Maria são multifatoriais.

4. CONCLUSÃO

O levantamento de dados sobre a evasão escolar no período pós- pandêmico, demonstra os impactos da pandemia sobre a evasão no ensino médio santa-mariense principalmente nas escolas públicas.

Os indicadores apontam que a evasão tem classe, cor/raça e gênero em Santa Maria. Em números absolutos houve uma perda de quase quinhentos alunos entre escolas públicas e privadas, mais precisamente o total de 497 alunos fora da escola, isto dá um percentual de 5.48%.

Embora gestoras (es) de escola privadas justifiquem que não existe evasão escolar em suas instituições de ensino, percebe-se perda de matrículas no contexto pandêmico, o que pode indicar perda de renda das famílias ou falta de emprego.

A pesquisa revela que 50% dos estudantes evadidos são meninos pretos, 28% são meninas pretas e pardas, além do mais 45% dos estudantes evadidos tiveram que deixar a escola para trabalhar e ajudar na renda da família. Os dados demonstram que dos evadidos 50% pertencem a condição socioeconômica de vulnerabilidade e 37,50% são de baixa renda.

Os 1º e 3º anos do ensino médio foram as séries que mais perderam estudantes no período pós – pandêmico, sendo os principais motivos a necessidade de trabalhar com 45% dos casos e 10% dos que abandonaram a escola alegam ter crises de depressão e ansiedade.

Sobre o retorno das buscas ativas como forma de combater a evasão, percebeu-se que a maioria das escolas públicas aderiram a busca e manifestaram retorno positivo, ao mesmo tempo que exaustão por conta do acúmulo de função, pois cabe as gestoras (es) entrarem em contato com as famílias dos estudantes.

Sobre a oscilação de matrículas, algumas escolas particulares aumentaram o número de alunos no período pós-pandêmico, mas a maioria foi de perda, como citado anteriormente as escolas iniciaram o ano letivo de 2022 com quase 500 alunos a menos no ensino médio, o número mais elevado de perda de matrícula por escola é na privada é como relatado pelos gestores houve migração destes alunos para outras escolas.

Os indicadores da pesquisa permitem apreender as implicações da pandemia da COVID19 sobre a evasão escolar, estudantes de grupos sociais vulneráveis foram os mais afetados, meninos e meninas pretos e pardos foram os mais excluídos do espaço escolar. Quanto mais específicos são os recortes da pesquisa mais nos aproximamos do quadro de desigualdades cíclicas e emblemáticas.

Os indicadores nos levam para o caminho permanente das desigualdades de classe, cor/raça, gênero nas escolas, parece que a teoria de Bourdieu elucida essas desigualdades quando fala da reprodução social e conservação cultural. A escola funciona como mecanismo de perpetuação das desigualdades quando legitima a cultura de uma classe específica em detrimento de outra. Os dados revelam a desigualdade racial no ensino médio de Santa Maria, quando mostra que a maior parte dos estudantes que deixaram a escola são meninas e meninos pretas (os) e pardas (os).

Comparado ao período do poder oligárquico e seus privilégios perante a educação, a escola está mais diversa e plural, ainda assim os grupos minoritários são os mais afetados pelo sistema de ensino que os excluem, principalmente quando se trata de recorte racial. O Brasil é o país da miscigenação, a maior parte da população é de pretas (os) e pardas (os), é o que revela recente pesquisa realizada IBGE, 56,1% autodeclararam ser pretos, (IBGE, 2021) porém, independente do objetivo ou espectro de pesquisa, é a população mais afetada pelas desigualdades.

É estranho pensar que acredita-se em igualdade racial no Brasil, ideia que está presente no imaginário de muitas brasileiras (os) que segundo alguns críticos como Fernandes (1964) tem sua origem na teoria da miscigenação de Gilberto Freyre (1980), o sociólogo brasileiro, sistematizou a formação da sociedade brasileira a partir do encontro de etnias, brancos, os pretos, indígenas, mas por outro lado, como criticam parte dos cientistas sociais, Freyre romantizou esse encontro, deixando no imaginário dos brasileiros um encontro cordial e fraterno entre senhores e escravos.

Florestan Fernandes (1964) em muitos de seus trabalhos aponta para outro caminho, defendendo a teoria do mito da igualdade racial, ele foi um dentre tantos nomes a desmistificar a ideia da existência de uma democracia racial no Brasil.

A pesquisa realizada em Santa Maria revela a desigualdade racial no espaço escolar uma vez que a maior parte dos estudantes fora da escola no período pós-pandêmico são pessoas pretas, além do mais, destaca-se como políticas de governo reitera o apagamento social de determinados grupos sociais como, por exemplo, a não obrigatoriedade das escolas discriminarem indicadores de raça/cor e gênero.

O desafio agora é reverter o quadro de aprofundamento dos problemas educacionais depois da pandemia. Para isso, é necessário ações de enfrentamento, a busca ativa é uma forma de combater a defasagem escolar e está presente na rotina das escolas, o que demonstrou a presente pesquisa, mas isoladamente não consegue suprir as demandas da realidade escolar.

É fundamental ações de políticas públicas educacionais que fortaleçam a Lei de Diretrizes e Base da Educação e ações conjuntas que façam valer a universalização do ensino promulgado pela Lei de 1988.

O sistema educacional brasileiro deve garantir o acesso e permanência de estudantes de todos os níveis de ensino, é urgente políticas públicas educacionais, que deem conta da realidade diversa dos Estados e escolas brasileiras, sem distinção de classe social, cor/raça, gênero, credo ou por qualquer tipo de limitação, afinal, está na escola é um dos direitos basilares da constituição brasileira, mas que ainda está muito distante de se alcançar.

A pandemia do coronavírus deixou mais visível uma patologia social que têm remédios, mas não remédio, se medidas rígidas de enfrentamentos não forem implementadas, o relatório da UNICEF (apresentação) é bem explícito, “o país corre o risco de retroceder duas décadas de meninos e meninas no acesso à educação.”

Em Santa Maria, a realidade do ensino médio não foi diferente, o que implica dizer que diversos setores da sociedade como político, econômico e educacional tomem ações em conjunto para que as desigualdades aprofundadas pela pandemia do coronavírus, sejam amenizadas e ou erradicadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRES, associação brasileira de estágios. **Incentivando o futuro do Brasil**; NUBE, núcleo brasileiro de estágios. 2019/20.
- BAUER, Martin; GASKELL, George (Org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002
- BOURDIEU, P. **A escola conservadora**. In BOURDIEU, P. Escritos de educação, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 39-64.
- DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2014. Cap. 1 - A educação, sua natureza e seu papel, pp. 43- 70; e Cap. 3 - Pedagogia e sociologia, pp. 93-113.
- FONSECA, Marcus Vinícius. **A história da educação dos negros no Brasil** / Marcus Vinícius Fonseca; Surya Aronovich Pombo de Barros (Orgs.). – Niterói: Ed.UFF, 2016, p. 27-28
- FRANCO, Caroline Zollim. **Educação em Tempos de Pandemia: Um Estudo Sobre as Dinâmicas de Transposição Didáticos-Pedagógicas entre as Escolas Públicas e Privadas do Rio Grande do Sul**. 2021.
- FERNANDES, Florestan. A Integração dos Negros na Sociedade de Classe. Ed. Globo, 2008, vol. 5. Cap. III – O Mito da Democracia Racial, p. 304,
- FERNANDES, Florestan. **O dilema educacional brasileiro**. In: M. PEREIRA, L. Educação e Sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974, p. 414-441.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- FUNDAÇÃO Carlos Chagas. **Educação Escolar em Tempo de Pandemia**. Departamento de Pesquisas Educacionais 2021.
- FUNDO das Nações Unidas para Infância (UNICEF) - **Cenário da Exclusão escolar no Brasil- 2021**
- NOGUEIRA, Maria A.; NOGUEIRA, Cláudio M. M. Bourdieu e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, Cap. 3 - A herança familiar desigual e suas implicações escolares, pp. 59-82.
- PNAD, Contínua - IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de Domicílios**.2019
- SANFELICE, José Luís. Florestan Fernandes: **Um Intelectual da Educação**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 56, p. 252-265, mai2014 – ISSN: 1676-2584.

SILVA FILHO, R. B.; ARAÚJO, R. M. de L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 8, n. 1, p.35–48, 2017.DOI:10.15448/2179-8435.2017.1.24527.

SOARES, Eliane Veras; BRAGA, Maria Lúcia de Santana; COSTA, Diogo Valença da. **O dilema racial brasileiro**: de Roger Bastide a Florestan Fernandes ou da explicação teórica à proposição política. *Sociedade e Cultura*, Goiânia (GO): UFG, v. 5, nº 1, pp. 35-52, jan./jun. 2002.